**ATELIÊ COLABORATIVO – 07/11/2020**

**ESCREVIVÊNCIAS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

 **Vaneza Oliveira de Souza**

**INTRODUÇÃO**

Neste relato, narrado a partir da escrevivência (EVARISTO, 2005), compartilho a experiência de uma prática desenvolvida em 2018 com estudantes do 3º ano do Ensino Médio, na escola Centro Educacional Manoel Teixeira Leite, localizada na sede do município de Iraquara, Chapada Diamantina, Bahia.

Considerando a importância de ouvir as vozes das mulheres negras e em parceria com colegas engajadas/os em práticas antirracistas e antissexistas, desenvolvemos sequências didáticas que colocaram essas personagens no centro da discussão.

O **objetivo geral** do trabalho foi conhecer as mulheres negras da cidade e das comunidades rurais de Iraquara-Bahia, consideradas como referências pelos/as estudantes e suas contribuições nesses espaços. A partir das informações as/os estudantes produziram materiais de divulgação sobre as histórias de vida por meio de vídeos, apresentações em slides e cartazes, dando visibilidade às mulheres negras de Iraquara para a comunidade escolar.

Acreditamos que os saberes e experiências dessas mulheres devem ser investigados, catalogados, integrados aos currículos escolares e atividades pedagógicas para que as/os estudantes possam conhecer e valorizar nossa história e diversidade cultural dialogando com aspectos das africanidades brasileiras (SILVA, 2005) que tomam corpo nas formas de ser e de viver ancoradas em nossas ancestralidades.

Em virtude de sua participação e protagonismo seja na área da saúde, da educação, da religiosidade, da militância, nas diversas instituições, nas famílias e nas comunidades, em diferentes ocupações, muitas mulheres são referências para as populações mais jovens.

Uma vez contemplados nos currículos escolares os saberes e experiências dessas mulheres dão visibilidade aos conhecimentos relacionados à cultura local, valorizando outras formas de compreender o mundo. Assim, a escola pode ser tomada como espaço de representações, marcada por identidades, rituais, crenças e simbologias, admitindo o lugar das/os estudantes assim como dos/as educadores/as como pessoas que têm pertencimentos culturais, sociais, étnico-raciais, de sexualidade, de gênero, de raça e outros.

Olhamos para essas mulheres e para os/as agentes escolares como produtores/as da história, sujeitos/as da experiência e da ação (HOOKS, 2017), compreendendo que, na interação entre suas subjetividades e as relações com o/a outro/a, com o meio, com sua cidade e comunidade, com as instituições, são constituídos laços de pertencimentos coletivos.

A partir desse olhar para as mulheres negras de Iraquara como protagonistas e sujeitas produtoras da história local, desenvolvemos no interior do projeto institucional sobre relações étnico-raciais a sequência didática “Mulheres Negras de Iraquara: conhecendo nossas guerreiras”.

Com esta prática pedagógica as/os estudantes foram interpeladas/os a ouvir as vozes dessas mulheres, conhecer suas experiências, compreendendo suas contribuições na cidade e nas comunidades, ao mesmo tempo em que se posicionavam como produtoras/es no processo de ensino aprendizagem, como coautores/as da ação educativa.

**Contexto da prática na escola**

As atividades desenvolvidas integram o projeto institucional atualmente intitulado *Protagonismo Negro: construindo novas narrativas*, que prevê que professoras/es de todas as áreas e componentes contemplem a temática da história e cultura africana e afro-brasileira em seus planos de ensino. A cada ano o projeto é discutido no coletivo da escola e são definidos temas e focos de discussão a partir das disciplinas, integrando aos planos de ensino (currículo).

Em 2018, decidimos contemplar a temática gênero em nossas aulas, a fim de abarcar alguns aspectos da multiplicidade de discussões possíveis a partir da categoria mulheres negras. Nesse interim, lançamos para os/as estudantes, dentro da disciplina de Língua Inglesa e Produção Textual, a proposta de pesquisar as mulheres do município, com o objetivo de conhecer as mulheres negras da cidade e das comunidades, consideradas como referências pelos/as alunos/as.

Na busca por fontes de estudo das africanidades brasileiras e percebendo a potência que as experiências de cada uma delas à nossa volta pode guardar, interpelamos as/os estudantes com a proposta de uma atividade coletiva e colaborativa em que, trabalhando em pequenos grupos, de preferência pertencentes às mesmas localidades, pudessem pesquisar a vida de uma mulher que considerassem como referência no lugar onde vivem.

**Etapas do trabalho**

O trabalho foi desenvolvido com base nos seguintes encaminhamentos:

\*Apresentar a proposta às/aos estudantes, explicando o sentido de aprender sobre nossa cidade e comunidades a partir das narrativas dos/as moradoras/es; situar o trabalho no interior do projeto institucional que integra a discussão sobre relações étnico-raciais (na área de linguagens incluímos gênero); apresentar os objetivos do trabalho; ouvir as/os estudantes sobre suas percepções sobre o tema (se conhecem mulheres negras reconhecidas por suas contribuições, sobre quais já estudaram na escola, porque esses nomes aparecem pouco).

\*Problematizar o apagamento das contribuições das mulheres negras na história e contemporaneidade e a importância de valorizar pessoas negras e mulheres negras. Questionar quem são as mulheres negras que são referências nossa cidade e nas comunidades, o que é ser referência ou ser importante para elas/eles, porque os nomes citados são assim considerados. Discutir na perspectiva reconhecer o valor das contribuições das mulheres locais que são referência nas escolas, na academia, igrejas, terreiros, associações comunitárias, na área do direito, da saúde, como parteiras, rezadeiras, benzedeiras, Mães de Santo, donas de casa, empresárias.

\*Formar grupos de trabalho com base na localização geográfica, unindo estudantes que moram na mesma comunidade ou nas proximidades; definir nomes de mulheres que elas/eles admiram e se constituem como referências nesses lugares para realizar a investigação.

\*Construir o roteiro das entrevistas (em língua inglesa) com as informações (infância, família, educação, trabalho, desafios, conquistas, contribuições) que consideram importante investigar para dar visibilidade a pessoa escolhida para comunidade escolar.

\*Desenvolver a pesquisa em suas comunidades/cidade, através de visitas e entrevistas em que sejam anotadas, gravadas em vídeo ou áudio as narrativas das colaboradoras.

\*Dialogar sobre a maneira como cada equipe pretende comunicar sua pesquisa para a escola, com informações apresentadas em inglês e português (optaram por apresentações em slides, vídeos e cartazes).

\*Organizar, selecionar e traduzir as informações com base no suporte de apresentação; planejar e revisar a parte escrita (roteiros/rascunhos dos slides, cartazes ou apresentações em inglês e português); fazer ensaios da parte oral para dar suporte às apresentações ou gravações, na sala de aula.

\*Com base nas escritas em LI, definir os aspectos gramaticais para revisão (reported speech, simple past, past perfect); apresentar escritas das/os estudantes com trechos escritos de forma correta e equivocada para que, em grupos (outras equipes) identificassem erros e acertos, explicando e trazendo outros exemplos.

\*Nas pré-apresentações, provocar discussões sobre os temas que emergiram das narrativas sobre relações de raça e gênero na cidade e comunidades e sua relação com outros contextos.

\*Produzir materiais bilíngues para divulgação das histórias de vida - vídeos, slides e cartazes; compartilhar as produções na feira de conhecimento da escola.

As/os estudantes tiveram um trimestre disponível para realizar as tarefas, entre momentos na sala de aula e atividades extra escola em suas comunidades. Foram avaliadas/os no processo, considerando três situações: acompanhamento do cumprimento das atividades de cada etapa; análise do material produzido e das apresentações; e avaliação escrita sobre aspectos da língua.

**NARRATIVAS DE MULHERES PLURAIS**

No trabalho elaborado pelas/os estudantes algumas mulheres foram escolhidas para representar a multiplicidade de modos de ser mulher negra no território iraquarense. Foram apresentadas uma parteira de 108 anos, mulheres quilombolas, benzedeiras, líder comunitária, agente comunitária de saúde, escritora e professoras.

Neste relato, apresento alguns aspectos da vida e das contribuições de Mãe Marieta e Inez Azevedo nas discussões em sala de aula.

**Mãe Marieta** é uma mulher que não teve educação formal mas exibe uma sabedoria belamente construída pela vida, do alto de suas experiências centenárias como parteira e benzedeira, atividades que exigem uma grande sensibilidade, inteligência emocional e intensa espiritualidade. Além disso, suas experiências como mãe, mulher trabalhadora e sua trajetória de muitos enfrentamentos forjaram uma personalidade firme e generosa.

**Imagem 1** – Maria Cândida de Jesus, conhecida como Mãe Marieta



Maria Cândida de Jesus, conhecida como Mãe Marieta, parteira e benzedeira de 108 anos de idade, fez mais de cem partos, sendo o último aos 99. De família de garimpeiros em Lençóis-Bahia, após a morte de seu pai, veio para Iraquara com a mãe e os irmãos em busca de melhores condições de vida. Teve três filhos/as biológicos/as e criou outros oito adotivos/as.

**Fonte:** Arquivo da autora, produzida pelos/as estudantes (2018).

Mãe Marieta, mesmo sem visão e em idade avançada, continua a desenvolver algumas atividades domésticas, como observamos na prática de debulhar feijão enquanto concedia entrevista filmada, deixando emergir saberes tradicionais e aspectos importantes da história da cidade e da região.

Mudou-se de Lençóis após o período de decadência do garimpo, que teve início por volta de 1870, quando grandes dificuldades econômicas assolavam as populações da região. “*Não ganhava dinheiro pra fazer parto. Eu lavava roupa, pisava milho, torrava café, raspava mandioca para ganhar tostão*”. (Relato oral de Mãe Marieta, 2018).

Mãe Marieta relata aspectos interessantes de sua atividade como parteira.

[...] Nunca morreu uma filha nessas mãos, graças a Deus. Quem estava comigo era Deus, meu medo, minha coragem e minha disposição [...] Eu tinha minhas coisinhas, minha tesoura, tudo bem limpinho. Quando vinha atravessado mandava atrás de médico em Palmeiras, outra hora em Seabra... Quando Juliano[[1]](#footnote-1) chegou estudar, estudando, fazendo parto, eu ajudava, ele me chamava, ‘oh Marieta, vem ficar aqui mais eu’, fiz muito parto mais ele.(Relato oral de Mãe Marieta, 2018, sic).

Alguns aspectos que emergiram das narrativas:

\*Ofício de partejar, trabalho das parteiras, protagonismo e autonomia da mulher para conduzir o parto, apoio emocional, menor intervenção médica; parceria entre medicina hospitalar e tradicional.

\*Cuidados, técnicas, banhos repassados através das culturas indígenas e afro-brasileiros; respeito à cultura local; mobilização de rede de apoio com parentes ou vizinhas que colaboravam como assistentes.

\*Referência religiosa de matriz africana, exercício da fé por meio da prática de rezas e uso de ervas curativas, catolicismo popular;

\*Relações sexistas, trabalho feminino, interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018) de raça e gênero, desrespeito/desvalorização do ofício de parteira: “*Meu marido nunca entendeu, separei dele por causa disso, ele me desmoralizava quando eu chegava em casa, já me chamou até de ‘patifa’, eu nunca esqueço [...]”* (Relato oral de Mãe Marieta, 2018).

**Inês Azevedo** é uma mulher jovem que teve oportunidade de concluir a educação básica, fez curso técnico e assegurou um trabalho estável, por meio de concurso público. Solteira, sem filhos, bem informada, mostra em sua narrativa amplo conhecimento sobre questões raciais e de gênero e posiciona-se com firmeza sobre os temas. Moradora da zona rural, como agente comunitária de saúde tem trânsito entre várias comunidades, é bastante conhecida nas localidades onde trabalha e adquiriu experiência ao lidar com a realidade das variadas configurações familiares que atende.

**Imagem 2** – Inez Azevedo dos Santos



Inez Azevedo dos Santos tem 38 anos de idade e trabalha como agente comunitária de saúde há 19 anos. É solteira, não tem filhos e reside na comunidade de Queimada.

**Fonte:** Arquivo da autora, produzida pelos/as estudantes (2018).

As narrativas de Inez colocaram no foco de discussão o preconceito de raça e gênero e suas várias formas de manifestação, desde a ideia de sexo frágil – que, segundo Carneiro (2001), tem maior relação com as mulheres brancas, até o processo de desqualificação da figura feminina, que reforça a necessidade de que tenhamos a tutoria do homem.

Por ser mulher a gente sofre muito preconceito. As pessoas taxam muito a gente de sexo frágil e incapaz, quando na verdade nós sabemos e provamos todos os dias que não é bem assim. Somos fortes, muito fortes, somos flexíveis, a gente é capaz de sustentar, e na verdade, nós sustentamos a sociedade, nós somos, sem dúvidas, uma coluna importantíssima para a sociedade [...] Eu só vejo vantagens em ser mulher. A única desvantagem que eu abro esses parênteses é essa questão do preconceito que a gente enfrenta todos os dias para provar que é capaz.(Relato oral de Inez, 2018)

Discussões que emergiram das narrativas:

\*Relações de gênero, várias formas de manifestação do sexismo, ocupações de espaços de poder por mulheres e mulheres negras, interseccionalidade de raça e gênero;

\*Papel social da mulher negra na família, comunidade e sociedade;

\* Pertencimentos, ancestralidades, afirmação das negritudes, formação de redes de apoio entre mulheres negras.

\*Estética negra (corpo negro, cabelo crespo).

A gente precisa aprender a se gostar, a assumir esse jeito afro, o cabelo cacheado, é uma libertação pra nós. Essa questão da beleza, diziam que cabelo bom é cabelo liso, e a gente fazia loucuras para ter o tal do cabelo liso, até que chegou um dia que eu me olhei no espelho e eu não me reconhecia. E eu vejo muitas mulheres que ainda não aceitam o cabelo que tem, não aceitam a cor que tem, o jeito que tem, e a gente precisa aprender a se amar. (Relato oral de Inez, 2018).

\*Autoestima, estereótipos da mulher negra: trabalhadora precarizada, mulata objetificada e sexualizada.

Nesse sentido, a referência de Inez às questões da cor da pele e do cabelo mobilizou várias discussões sobre experiências de racismo e sexismo sofridas pelas/os estudantes. Muitas delas contaram sobre sua relação com o cabelo desde muito pequenas, os processos químicos, os alisamentos em salões, o uso de ferro quente para manter uma aparência mais próxima do padrão estabelecido como belo (branco). Essas experiências parecem marcantes para muitas/os estudantes, especialmente as meninas. Contudo, observamos também o número crescente de meninas e meninos na escola que usam cabelo natural, ostentando seu crespo, seus cachos, o *black*, as tranças, o que pode evidenciar formas de autoafirmação e liberdade estética gestados entre grupos adolescentes e jovens.

**Avaliando a prática**

Dentre os desafios desta prática destaco a falta de material para estudo e pesquisa sobre a cidade; pouco conhecimento sobre a história do município e de suas mulheres por parte de estudantes e docentes; dificuldade inicial de compreender o valor das mulheres que estão à nossa volta como pessoas importantes, com contribuições em diversas áreas; dificuldades na produção autoral por parte dos/as estudantes, muitos dos/as quais habituados a pesquisas copiadas ou baseadas na internet; lidar com a tecnologia, para alguns/algumas estudantes, pois, apesar de integrar a chamada geração de nativos digitais, ainda é considerável a quantidade de alunos/as que não tem acesso à internet em casa; fragilidades conceituais por parte das docentes sobre temas que emergiram nas narrativas das colaboradoras e poderiam ser melhor discutidos ou aprofundados, como religiosidade de matriz africana e aspectos relacionados ao ofício das parteiras tradicionais; dificuldade em equilibrar as discussões sobre os temas e o tempo para estudo da língua.

As potencialidades que destacamos no trabalho são o envolvimento das/os estudantes na construção dos dados e cumprimento das etapas da pesquisa; a busca e valorização das experiências das mulheres da cidade e localidades; o conhecimento sobre tais mulheres e suas contribuições na família, escola, religiosidade, saúde, artes, produção agrícola, comércio e outros; os resultados do material de cada grupo, vencendo os desafios da produção autoral e do uso das tecnologias, que cumpriram, na grande maioria, o objetivo de dar visibilidade às mulheres negras de Iraquara para a comunidade escolar.

Conhecer essas mulheres inspiradoras, assim como tantas outras que vivem em Iraquara, no Brasil e no mundo afora, representantes de africanidades forjadas na força e sabedoria ancestral, nos move como educadoras e estudantes. Inspira-nos a pensar outras formas de aprender e ensinar, que vão muito além dos tradicionais rituais escolares e acadêmicos, mobilizando estratégias para modificar, inventar e reconceitualizar a prática para dar conta de novas experiências de ensino que acolham todas as formas de ser, viver e conhecer.

Ao relatar porque escolheram Inez como a mulher que representaria sua localidade, as/os estudantes argumentaram que viram nela “um exemplo de mulher negra e forte da comunidade, empoderada e tinha bastante a dizer sobre o tema” (relato oral da estudante Bruna). A colaboradora deu uma verdadeira aula sobre relações interseccionais de raça e gênero que provocaram deslocamentos tanto nas alunas pesquisadoras como em nós, docentes e colegas que acompanharam o vídeo, produto do trabalho.

As narrativas evidenciaram aspectos importantes como a pluralidade das mulheres iraquarenses e a inseparabilidade entre o saber da experiência e os conhecimentos teóricos que se entrelaçam para construir novos modos de ensinar e aprender, forjados nas nossas afrobrasilidades.

**Recomendações:** solicitar que cada equipe identifique aspectos das relações de raça e gênero que emergem das narrativas para levantar discussão com a turma; pedir que as/os estudantes indiquem quais aspectos gramaticais sentiram maior dificuldade para fazer a revisão e quais aspectos gostariam de aprofundar a discussão sobre os temas em estudo; descentralizar as decisões pedagógicas.

**REFERÊNCIAS**

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccioanlidade.** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *In*: **Estudos Avançados**,v.17, n. 49, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf. Acesso em: 15/10/2019.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora.** João Pessoa: UFPB, Ideia Editora Universitária, 2005.

HOOKS*,*Bell. **Ensinando a transgredir:**A educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

SILVA, Petronilha Beatriz Goncalves. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. *In*: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

1. Nome fictício de um dos primeiros médicos da cidade de Iraquara. [↑](#footnote-ref-1)